

A IRONIA EM O JUDEU, DE CAMILO CASTELO BRANCO

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UERJ)
fabianapl.oliveira@gmail.com

Segundo o Dicionário Houaiss da língua portuguesa, concebe-se “ironia”, dentre outras acepções, como sendo a “figura por meio da qual se diz o contrário do que se quer dar a entender” (HOUAISS, 2001, p. 1651). Camilo Castelo Branco usou esse recurso com maestria em sua obra. Sendo assim, pode-se considerar uma das vias de leitura de seus textos. E, no romance *O judeu* (1866), não foi diferente, o escritor português revisitou o século XVIII para narrar a vida do teatrólogo António José da Silva. Brasileiro, de uma família de cristãos-novos, aos oito anos, foi para Lisboa com o pai acompanhar a mãe que estava sendo acusada de “judaísmo”. Mais tarde, foi acusado do mesmo “crime” e condenado pela Santa Inquisição a morrer degolado e queimado. Suas comédias, nas quais utilizava bonecos (títeres ou marionetes), eram por ele chamadas de “óperas”, pois vinham acompanhadas de música e canto. Ele sofreu influência de Gil Vicente, da comédia clássica e do teatro francês, italiano e espanhol da época. Inovou, escrevendo peças em prosa. Através da narrativa, satirizou os costumes dos anos setecentos. Portanto, Camilo, ao reler esse período, fez sérias críticas à Igreja, assim como à sociedade que assistia aos Autos de Fé em praça pública, aplaudindo o grandioso espetáculo. A proposta desta comunicação é refletir acerca da ironia em *O judeu*.

Chave: Ironia. Portugal. Século XIX. Romance Histórico. Camilo Castelo Branco.